

Da autora de *O tempo entre costuras*

MARÍA
DUEÑAS

SE O DESTINO
NOS TROUXER
DE VOLTA

MARÍA
DUEÑAS

SE O DESTINO
NOS TROUXER
DE VOLTA

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © María Dueñas, 2025
Publicado em acordo com Editorial Planeta, S.A.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Por si un día volvemos*

Preparação: Bonie Santos
Revisão: Luana Negraes e Bárbara Prince
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Foto de capa: Stewart Ferebee / Trunk Archive
Capa: Planeta Arte & Diseño
Adaptação de capa: Sandra Fava

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dueñas, María

Se o destino nos trouxer de volta / María Dueñas ; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
448 p.

ISBN 978-85-422-3742-9

Título original: *Por si un día volvemos*

1. Ficção espanhola I. Título II. Dolinsky, Martha

25-2993

CDD 863

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

CAPÍTULO I

Quando acabamos de comer o pão e o queijo, minha mãe se deitou e eu fui para a parte de trás, o chiqueiro já sem porcos que havia ocupado com Toñico antes de ele morrer. Meu pai e o homem ficaram em frente ao fogo com o odre de vinho que o forasteiro havia levado: de uma mão passava para a outra mão, de uma boca para a outra boca; de vez em quando, a bebida escorria pelos queixos mal barbeados.

Eu não tinha cama, nem sequer colchão, apenas um fardo de palha e um pedaço de pano encardido para me cobrir. Também não tinha camisola. Ninguém gastava roupa para dormir naquela casa nem naquele mundo; deitávamos com o que havíamos vestido durante o dia, que era o mesmo que no dia anterior e no seguinte, porque não possuíamos mais do que aqueles trapos. No inverno, colocávamos alguma coisa por cima, no verão tirávamos o que sobrava e as crianças andavam nuas como animais.

Adormeci com o sabor do queijo entre os dentes, ruminando aquilo que o homem havia contado sobre o lugar ao qual se dirigia quando parara para nos pedir abrigo por uma noite; um lugar no qual já tinha estado quando jovem, pelo que havia dito. Para chegar a esse lugar, antes era preciso chegar a um porto e depois atravessar o mar. As pessoas iam para lá em busca de trabalho por temporada, algumas ficavam para sempre. Chamava-se Argélia, e esse nome me ficou na cabeça. Argélia.

Não o ouvi chegar; só me dei conta de sua presença quando senti uns dedos grossos me apertando ali embaixo, como uma carícia bestial, enquanto a outra mão cobria meu rosto e me deixava sem ar. Como se fosse uma saca de feijão, ele se jogou em cima de mim e me esmagou inteira. Consegui abrir minhas pernas à base de joelhadas. Eu não era capaz de gritar, não conseguia me mexer. Tentei girar a cabeça para respirar. Como não consegui, mordi o dedo dele. Então, ele retirou a

mão e me lascar um tabefe que abriu meu lábio e deixou meu ouvido zumbindo.

Ele já devia ter chegado com a calça aberta, pronto para me montar, porque levou só um segundo para entrar, e eu senti como se houvesse cravado um ferro incandescente no fundo de mim. Então, começou a empurrar, a empurrar, a empurrar, enquanto lambia meu pescoço e me enchia de baba e cuspiam coisas que eu não entendia e arranhava minha pele com sua barba áspera e suja. Pesava como um porco desses que ali mesmo houvera um dia; cheirava a sujeira, a suor, a vinho rançoso. Enquanto o homem continuava empurrando, eu sentia até minha alma queimar e tinha gosto de sangue na boca.

Logo se esvaziou dentro de mim e ficou ali, como eu sabia que ficavam os machos depois do alívio. Já havia visto isso nos cães, que não se reavivavam nem a pedradas. Havia visto isso quando Francisco me empurrara contra a cerca de um curral e se esfregara em mim naquela noite de São Lourenço, sem nem abrir a braguilha, quando voltara pela primeira vez da guerra do Marrocos. Como quando os porcos montavam as porcas ou quando meu pai dizia à minha mãe vire de costas, mulher, e ela obedecia e não protestava. Largados, meio idiotas, eu sabia, ficavam os machos, desligados, lerdos. O mesmo aconteceu com o homem quando se saciou, ainda fincado dentro de mim, mas já desinflado, sem se mexer.

Agüentei um tempo, não saberia dizer se foi muito ou pouco, com os olhos arregalados, pensando e sem pensar; só queria sair de baixo daquele homem. Quando passou a roncar uniformemente, consegui tirar uma mão e comecei a arrastá-la até onde meu pai deixava as ferramentas. Arrastei-a ansiosa pelo chão de terra batida, às cegas, procurando qualquer coisa. Uma ferramenta, uma pedra, uma foice, um pedaço de pau, o que fosse. Até que toquei em um cabo de madeira. Isso. Isso mesmo. Apertei-o na mão firmemente, não deixei que a dúvida me retardasse. Apenas ergui o braço acima de suas costas e, apertando os dentes, cravei-lhe a foice com todas as minhas forças.

Dei sorte, acertei uma parte macia. A lâmina da colheita – de quando meu pai eventualmente colhia –, meio enferrujada, afundou nele

como se entrasse em uma vasilha cheia de manteiga. Logo o ouvi soltar um gorgolejo, como um animal, e sua língua bruta e gorda assomou por entre os lábios. Tentou dizer algo, mas de sua garganta só saiu outro som parecido com um zurro e depois um fio de sangue. Aproveitei para empurrá-lo, pressionando com meu ombro, forte, mais forte, até que consegui escapar para o lado.

Ele continuava de bruços, não se mexia. Continuavam brotando de sua boca algo como muco e um ruído cada vez mais fraco. Sem parar para ver se ainda respirava, apalpei seu corpo às cegas, revirei os bolsos e tirei o que havia neles. Tateando, senti papéis dobrados, a cigarreira, dinheiro, um isqueiro e um lenço amassado e úmido. Agachada a seus pés, eu estendi o lenço no chão e coloquei as coisas dentro dele. E, juntando as pontas, dei dois nós.

Estava indo embora quando pensei que seria melhor me certificar. Então me agachei, peguei de novo o cabo da foice e a remexi, sem tirá-la da carne dele. Para um lado, para o outro, para deixá-lo bem morto.

Saí correndo no meio da madrugada. Não virei a cabeça para olhar pela última vez para minha pobre casa, não voltei para ver ninguém. Só me lancei na escuridão, na direção na qual meu pai partira quando fora para as minas e aonde minha mãe se dirigia em busca de trabalho antes de ficar meio cega. Rumo aonde diziam que estava o mar, outra luz, outros ventos. Estava descalça, seminua, com a saia arregaçada, o lábio cortado e o lenço do homem recheado com suas coisas amarrado em meu pulso. Sentia um ardor indizível nas entranhas e minha camisa estava cheia de sangue.

CAPÍTULO 2

Quando a noite começou a ficar menos escura, eu continuava andando sem sentir o frio de novembro. Quando a primeira luz do sol clareou a cor do céu, eu continuava andando. Não levava nada dentro da cabeça, nenhum pensamento, nenhuma culpa, só o propósito de ir cada vez mais longe, mais longe, mais longe.

Com a manhã já alta, encontrei um canal de irrigação e mergulhei até o umbigo na água esverdeada, erguendo a saia para não molhar. Arranquei uns matos da beira do canal e com eles esfreguei as coxas e as partes íntimas, para arrancar de minha pele o sangue seco. Lavei também o rosto e o pescoço, onde o homem me lambera com sua baba grossa. Joguei água até nas orelhas, para ver se tirava as palavras porcas que ele jogara dentro de mim.

Quando recomecei a andar, vi meus pés rasgados pelas pedras, as unhas pretas e quebradas; deviam doer, sem dúvida, mas eu não notava. Ou talvez notasse, mas eu mesma anulava inconscientemente aquela dor porque precisava seguir em frente, e aqueles pés cheios de cortes e feridas eram os únicos que eu tinha para me mexer. Continuei percorrendo caminhos e ladeiras, leitos secos de riachos, rios com urzes e matos cheios de espinhos, caniços e barrancos cheios de pó onde, de vez em quando, surgiam pitas chamuscadas pelo sol, penachos de palmito, mandacarus.

Evitei também passar diante de casas ou fazendas, me esquivei de passagens e casebres, desviando toda vez que intuía um rastro humano. À menor suspeita, dava a volta; se a distância via um homem montado em sua mula, um lavrador estripando a terra com a enxada ou uma mulher estendendo roupa, eu me afastava.

Cruzei com cães ossudos que me mostraram os dentes e tentaram me atacar enquanto latiam e cuspiam jorros de saliva, como se estives-

sem possuídos por Lúcifer; eu me defendi deles com gritos selvagens e ameaças de um pau comprido que pegara em uma ladeira. Continuei caminhando, atenta a tudo, com os olhos bem abertos: o campo pobre e rude quase sem vegetação, os bichos, o horizonte, um punhado de oliveiras, um ou outro poço ou um moinho. Em tudo aquilo eu tentava concentrar minha atenção para não recordar, para não pensar em nada. Para a frente, vamos, vamos. No meio de um campo cheio de restolhos, cruzei com umas perdizes e tentei pegá-las, mas elas foram mais rápidas que eu, e olha que sempre fui ágil para pegar animais.

O sol começava a baixar quando vi uma horta, e não pude resistir à ideia louca de entrar em busca de um pé de qualquer coisa. Estava me aproximando quando vi um vulto se erguer do chão e ouvi os gritos e os gestos do dono; então ele se agachou, pegou umas pedras e começou a jogá-las em mim. Eu me afastei depressa, subindo a saia, tropecei, caí e esfolei os joelhos. Uma pedra me acertou na nuca, mas não me deteve. Àquela altura, nada podia me deter.

Passando um rebanho de cabras, encontrei um menino andrajoso; estava descalço como eu e não devia ter mais de oito ou nove anos, talvez a idade de Toñico antes de ser levado pelas febres. Até pensei que se parecia com ele, com seus andrajos e a cabeça raspada cheia de crostas. Ele se assustou ao me ver, saiu correndo como um coelho, gritei para que parasse. Perguntei a ele se eu estava no caminho certo, e à minha terceira tentativa, já a distância, ele respondeu que não sabia, mas que devia estar, porque daqueles lados aos quais eu me dirigia de vez em quando vinha a carreta que trazia a correspondência. Ali o deixei, indicando meu caminho com seu dedinho encardido.

Já anoitecia quando encontrei uma estrada e, de longe, vi as primeiras luzes, daquelas estranhas que indicam a proximidade das cidades; intuí que estava chegando e preferi não prosseguir. Antes das primeiras casas havia uma construção grande, uma espécie de armazém, com as paredes de pedra meio inclinadas. Olhei de um lado, olhei do outro lado, em frente, às minhas costas. Não vi nenhum sinal de vida e entrei.

Abriguei-me em um quartinho sem porta, com o teto caído, encolhida no chão de terra que cheirava a merda de humanos e de animais.

Sentia um cansaço feroz, mas, apesar de fechar os olhos com todas as minhas forças, não conseguia dormir. Quando por fim minha respiração foi se acalmando, tudo que havia acontecido voltou à minha cabeça como uma tromba-d'água. A fogueira, o jantar. O homem. Os dentes pretos que ele mostrava ao rir, o vinho escorrendo por seu queixo carente de lâmina de barbear, o peito saltado como o de um pombo, os olhos lascivos cravados em meu corpo. Eu deveria ter me antecipado a suas intenções, não ter me afastado de minha mãe, ter informado a meu pai. Mas não fiz nada, e eles também não perceberam. Ou talvez sim; talvez tenham percebido os anseios que ele tinha por mim e o deixado agir. Talvez tenha lhes oferecido umas moedas, ou o pão e o pedaço de queijo que dividira conosco, ou a vaga promessa de qualquer ilusão em troca de um momento comigo, sem que eles protestassem, como se não notassem.

Sua respiração arfante, sua força, minha dor, meu nojo: tudo isso, deitada na escuridão, havia voltado com ferocidade à minha memória. Meus dedos rápidos quando percorreram o chão em busca de qualquer coisa que me servisse para tirá-lo de cima de mim, minha mão ao cravar a foice em suas costas. Mas, estranhamente, eu não me arrependia. Sentia que havia feito o que tinha que fazer, o que ninguém teria feito por mim se eu o houvesse deixado vivo. Jamais até então minha boca havia pronunciado a palavra justiça, mas eu tinha a sensação de que era algo parecido com isso.

★

Acordei com os sinos de uma igreja convocando para a primeira missa do dia. Abri os olhos assustada e me sentei de um pulo. Pelo vão do quartinho onde quem sabe um dia houvera uma porta, entrava a luz de um sol ainda baixo; serviu para me confirmar que o lugar era imundo e que três gatos me contemplavam de um canto. Sentada no chão, com as costas apoiadas na parede, desamarrei o nó do lenço preso em meu pulso e depois desfiz os dois nós que prendiam as quatro pontas. Abri-o para conferir o que havia dentro: meu único patrimônio.

Contei as notas cheias de crostas e as moedas, grandes e pequenas. Desdobrei os documentos amassados, as duas folhas com que o homem fanfarronara junto à fogueira, que agitara proclamando que com elas embarcaria para a Argélia para fazer um bom dinheiro.

Documento de identidade em nome de Cecilio Belmonte Torres, li com esforço na primeira folha.

A segunda era uma passagem Cartagena-Orã no vapor *Ville de Paris*. Data da partida: 9 de novembro de 1927.



CAPÍTULO 3

Uma menininha comia um pãozinho doce de café da manhã, olhando abobada para o chão; arranquei-o de entre seus dedos enquanto sua mãe pagava a um verdureiro por um maço de cenouras. Quando a criança saiu de seu estupor e começou a chorar, eu já estava longe. Diante de um rapaz que carregava uns cântaros de leite, estendi as mãos em concha, para ver se me dava um pouco. A única coisa que recebi foi a ameaça de um tabefe.

— Como chego ao porto? O porto, onde fica o porto?

Todos apontavam na mesma direção, meio para baixo. Embora a pressa me urgisse, antes de prosseguir parei em uma fonte para jogar água nos pés; estavam pretos, entorpecidos e com as unhas quebradas, massacrados pelas pedras dos caminhos que haviam rasgado minha carne e se cravado bem fundo. Doíam, meu Deus, como doíam. Mas eu me recusava a deixar que a dor me impedisse de seguir em frente.

As mulheres que esperavam para encher seus cântaros gritaram saia daí, vai sujar as bicas. Ou, pelo menos, que esperasse minha vez. Devem ter me achado uma maluca com meus andrajos e minhas urgências. Como eu ia saber que para usar a água tinha que esperar a vez, seguir uma ordem? No morro de onde eu vinha, ninguém conhecia as palavras ordem, vez. Uma velha, encurvada até quase encostar o nariz no peito, pegou-me pelo cotovelo e me tirou do meio do enxame de mulheres. Arrastou-me até sua mísera casinha, virando a esquina, murmurou espere, menina, e logo saiu com umas velhas alpargatas de lona, uma camisa que um dia remoto havia sido branca e uma espécie de capote de tecido rústico, desbotado e remendado uma dúzia de vezes.

— Era de meu marido, que em paz descanse — disse. — Por São Cosme e São Damião, a coqueluche o levou.

Troquei de roupa ali mesmo, à porta; uns homens que passavam assobiaram e cuspiram umas barbaridades e eu devolvi outras. Era o segundo par de alpargatas que eu usava na vida e não me importava que fossem herança de um desconhecido que uma tosse ruim havia mandado para o céu. Eram grandes, mas eu amarrei bem amarradas as fitas nos tornozelos e agradeci mais do que se fossem sapatos forrados de seda.

A cidade, pelo que ouvi, chamava-se San Antón, e de lá segui as indicações da velha e peguei uma alameda comprida como uma cobra. Um bonde me assustou com seu barulho e seu sino; dei um pulo para o lado para que não me atropelasse. Outra gente andava por ali também; rapazes com gorros fazendo entregas com suas bicicletas e catadores com seus carrinhos, vendedores ambulantes, mulheres de lutos eternos que pareciam carregar nas costas a dor por todos os mortos do universo.

Vi também alguns homens de uniforme e fiquei alerta. Imaginei que o dever deles fosse velar pela decência pública. Como eu não era decente, porque ainda levava a semente de um homem em minhas entranhas e seu sangue embaixo das unhas, tentei não cruzar com eles. De modo que, em vez de caminhar pela larga parte central, ensolarada e buliçosa, fui para uma lateral, sob a sombra dos eucaliptos, à margem, sozinha.

E assim adentrei a cidade, e tudo me pareceu tão, tão estranho... Como eu iria imaginar que, pouco mais de um dia de caminhada a pé depois de sair de El Puntarrón, eu encontraria tamanhos prodígios? Carroças puxadas por animais mais altos que eu que pareciam querer me esmagar se me distraísse, e até carros que andavam sozinhos, sem mulas ou cavalos que os arrastassem, fechados, escuros, com buzinas e gente dentro. Comércio que vendiam tecidos de cores que meus olhos jamais haviam visto, bancas de jornal, boticas cheias de frascos e unturas, cafés com grandes toldos na entrada.

Fiquei pasma em frente ao vidro de uma loja, atrás dele viam-se penduradas réstias de linguiça e lindos presuntos; fui incapaz de me mexer até que um moço saiu, deu-me um empurrão no ombro e disse: fora daqui. Parei depois diante de outra com pirâmides de biscoitos amanteigados, como aqueles que havíamos provado uma vez, quando

a irmã do padre fora nos ver para convencer minha mãe a nos largar na Casa de Misericórdia prometendo-lhe que nos dariam uma túnica para cobrir as vergonhas e que comeríamos sopa rala com macarrão todos os dias da semana.

— O porto? — eu repetia e repetia, tentando não me embasbacar mais com novas maravilhas. — Estou indo na direção do porto?

Uns apontavam para a frente e outros nem sequer se dignavam a me olhar; do jeito que estava, deviam pensar que eu poderia assaltá-los ou transmitir alguma doença. Até que, por pura intuição, ou porque ali a luz era mais clara, meu destino apareceu à minha frente. Ninguém jamais me havia dito como o mar era grande, e até então eu não conhecia mais água que a dos cântaros, dos canais de irrigação e da pouca chuva que caía em casa muito de vez em quando.

Fiquei abobada diante dos barcos grandes e pequenos, com a boca aberta como andava sempre Eustaquio el Pelao, o vizinho de El Puntarrón que nasceu idiota, coitadinho. Comecei a perguntar entre aquele monte de homens que havia por ali. Foram me passando de um a outro, até chegar ao sujeito com gorro escuro, um bigodão e uma pasta embaixo do braço.

— Quero ir a Orã.

— E eu quero um frango frito para o jantar esta noite.

— Tenho documentos.

Ele bufou pelo nariz.

— Deixe-me ver — exigiu, estendendo a palma de uma mão cheia de sulcos pretos.

Eu entreguei os documentos amassados do homem e ele os aproximou do rosto, como se quisesse cheirá-los; mas era apenas míope.

— Aqui diz Cecilio. Cecilio Belmonte, nome de homem.

— Meu pai se enganou...

Para que não continuasse perguntando, eu me antecipei:

— E o barco de Orã, qual desses é?

— Vai atracar esta noite, está atrasado. Zarpará pela manhã; chegue cedo.

Não vi graça na espera. Poderiam estar me procurando. Quanto mais eu tardasse a embarcar, mais fácil seria me encontrarem. Mas não disse nem um pio, só lhe dei as costas com a intenção de encontrar um lugar onde me esconder enquanto não chegava o momento de subir a bordo. Já havia dado uns passos quando ouvi de novo o do bigodão:

— Ei, menina!

Eu me volvei.

— Tem o carimbo do consulado?

Pelo estupor de meu rosto, ele viu que eu não sabia do que estava falando.

— No Consulado da França, eles têm que pôr um carimbo lá.

Também se deu conta de que eu não tinha a menor ideia do que era isso.

— Um carimbo — repetiu.

Fez um gesto: com o punho fechado de uma mão, bateu contunentemente na palma da outra.

— Ande, corra lá para pegar o carimbo; sem isso, você não embarca.

Tornei a perguntar a quem passasse e tornei a sentir a mesma atitude para comigo: desprezo, repúdio. Mas houve também dois ou três pobres diabos que devem ter sentido dó de mim e me disseram por aqui, por ali, até que me vi diante de um edifício imponente.

Eu não era a única com a mesma pressa; à porta esperavam alguns infelizes com cara de medo e desconcerto como a minha, com fadigas profundas e fomes de anos cravadas nas entranhas. Provinham sabia Deus de onde e levavam consigo suas trouxas paupérrimas, filhos em penca, uma frigideira, uma esteira, um avô surdo, uma avó sem dentes.

Ali foi onde perguntei por alguém que soubesse escrever. Só um pai de família ergueu a mão.

— Mais ou menos, não muito.

Pedi que trocasse Cecílio por Cecília em meus documentos.

— Faço por algumas moedas. Não estou negando ajuda, menina, mas é que com isso compro leite para meu filho, para ver se ele aguenta a viagem.

Se soubesse que a maneira de escrever do homem era tão ruim como a minha, eu teria economizado o dinheiro. Por sorte, não demoramos a entrar, e por fim entendi o que era pôr um carimbo. Nem deram atenção à mudança de uma letra por outra. Um funcionário todo engomadinho e estrangeiro, do outro lado de um balcão, devolveu meus documentos. Eu jamais havia visto dedos tão compridos e unhas tão limpas.

— *Merci, mademoiselle.*

Minha cara lhe disse que eu não havia entendido.

— É francês. Significa obrigado, senhorita — explicou com cara de tédio.

— Francês, é?

Eu não sabia o que era isso; aquela palavra jamais havia entrado em meus ouvidos.

— Francês, da França — disse a mulher que aguardava atrás de mim. — O que pensa que se fala na Argélia, menina? A língua dos franceses, mesmo com tantos mouros e espanhóis naquela terra.

A travessia foi leve, o mar estava feito um lago. Passei a viagem inteira sentada sobre as tábuas do convés, espremida entre bagagens e utensílios, cercada pelo choro das crianças, os medos das velhas e as vozes incansáveis de uns e outros, altas, rápidas, eufóricas, talvez pelo nervosismo diante do porvir aleatório que nos aguardava. Os passageiros franceses de vida melhor, aqueles que haviam embarcado bem-vestidos e asseados em Marselha, descansavam em seus camarotes ou tomavam licores e refrescos nos salões. À margem, muito à margem deles, o convés estava cheio de espanhóis maltrapilhos recolhidos na costa sudeste, primeiro em Alicante e depois em Cartagena.

Cada um levava as próprias carências e o idioma de suas cidades, uns o valenciano, outros o castelhano, e com suas palavras e seus sotaques formavam rodinhas e ninguém parava de falar e cada um aportava um parecer, uma versão, um temor, um anseio. Um advertia que ainda faltavam meses para a colheita dos cereais, outro que era melhor ir direto para a poda de inverno nas vinhas próximas a Río Salado que ser temporário nas plantações de laranja em Saint-Denis-du-Sig, ou Sig bereber, ou Sigle alicantino, ou Siglo para o resto; alguém de Elche, que vivia ali havia um tempo, havia lhe contado. Um insistia que pagavam mais para tirar ferro das minas de Béni Saf que para abrir as estradas de ferro com picareta e pá dez horas por dia, seis dias por semana; um homem de Lorca, que voltara no verão anterior, lhe havia dito. Ninguém tinha sonhos de grandeza, todos ansiavam o elementar: ganhar o dinheiro necessário para poder viver mais ou menos dignamente.

Até as mulheres metiam a colher nas conversas, porque elas também iam para trabalhar, assim como muitos dos filhos desde que completavam sete ou oito anos. Nos campos e em pequenas fábricas, no serviço doméstico das famílias francesas ricas, como lavadeiras e

costureiras de roupas alheias. Como prostitutas, algumas, se não houvesse outra solução, concorrendo com as árabes, as italianas e as maltesas para saciar os apetites dos militares ou dos marinheiros; muitos homens sozinhos andavam por aquelas terras. Uma contou que suas primas trabalhavam na salga do peixe em Mazalquivir; outra disse que umas vizinhas de Santa Pola estavam havia anos em um lugar onde faziam buquês de flores.

Houve quem falou da colheita do algodão e houve quem recordou o massacre sangrento de décadas antes nos campos de esparto de Saïda, onde centenas de espanhóis trabalhavam como boias-frias; sem trégua, de sol a sol, como animais. Essa foi a única coisa sobre a qual quase todos concordaram: que haviam ouvido falar da aspereza extrema daquelas plantações, um dos grandes negócios de Orã. A maioria tinha um caso, uma história para contar; comentavam que já havia pouco esparto; havia esgotado de tanto apertar e apertar para multiplicar essa fibra com a qual se fazia polpa de papel e mandá-la aos ingleses durante a Grande Guerra.

Mas ainda restava trabalho e, por isso mesmo, ainda restavam também inescrupulosos representantes das grandes companhias, e naquele convés do vapor abarrotado uns e outros advertiam o resto que melhor era se afastar daqueles homens que pululavam pelos cais dispostos a recrutar espanhóis incautos e analfabetos recém-desembarcados, e aconselhavam estar alerta para não cair em suas armadilhas, porque prometiam boas condições e, no fim, nada era como diziam. Esparto como último recurso: era o que repetiam as vozes em valenciano, em castelhano. Era o pior, o trabalho mais penoso, devido ao calor sufocante daquelas planícies sem água e à dureza compartilhada com os árabes, devido aos abusos aos quais uns e outros eram submetidos naquelas plantações, largados pela mão de Deus, tão esturricados, tão longe.

Da boca de meus companheiros escutei também que alguns tinham a intenção de se assentar permanentemente em terras africanas; dar o sangue para prosperar e se naturalizar como franceses o mais cedo possível, como tantos outros compatriotas, parentes, paisanos já haviam feito desde metade do século passado. Outros, porém, iam como

simples boias-frias por uns meses; disseram que eram chamados de andorinhas, por causa disso de ir e vir de uma costa à outra.

E assim, sempre escutando centenas de histórias, cheguei a Orã como parte daquela caterva de infelizes, pobres como ratos, primitivos, iletrados, quase indigentes, meio esfomeados, alguns clandestinos e outros reincidentes, involuntariamente propensos a ser carne de abuso em qualquer canto do ensolarado mapa da tão francesa Argélia, quase sempre carente de mão de obra para suas lidas mais brutas. Outra onda de descartes da *misère espagnole*, como depois aprendi que eles repetiam na língua deles.

Estávamos entrando no porto, já em pé no convés, e olhávamos todos na mesma direção, por fim mergulhados em um silêncio meio acovardado, meio respeitoso, com o rosto voltado para o cais e a cidade, para uma montanha enorme com um forte no alto e para os penhascos. Entre a turba prestes a desembarcar, com certeza havia mais de um que deixava para trás coisas vergonhosas, como aquele sujeito de olhar obscuro que se acororara entre dois rolos de corda e só fumara e fumara, sem falar com ninguém; ou talvez aquela mulher de peitos caídos, lenço escuro e olhos fugidios e tristes que não olhara para trás nem uma única vez. Como eu mesma e a lembrança do homem que deixara morto em El Puntarrón dois dias antes.

O porto de Orã era muito mais movimentado que o de Cartagena, com seus montes de barquinhos de pescadores por um lado e seus grandes cargueiros e balsas por outro; com veleiros, chalupas, *dhow*s com suas velas latinas e pequenos barcos a vapor balançando ao sol, envoltos em rudes gritos masculinos em várias línguas, buzinações e sirenes.

Mas antes de nos permitir descer à terra, uns funcionários começaram a passear pelo convés, abrindo caminho entre nós enquanto sopravam com estrépito seus apitos e soltavam avisos aos gritos. Eram homens sérios, vestindo uniforme cinza, com bonés idênticos cobrindo até metade da testa. Falavam francês e ninguém os entendia; tentavam falar em espanhol, com um sotaque sofrível, e quase ninguém os entendia também. Até que alguém captou as mensagens e começaram a se espalhar. Que fôssemos ao Consulado da Espanha assim que

desembarcássemos, porque tínhamos que nos registrar. Que não podíamos sair de Orã sem passar pelo consulado. Que eram ordens das autoridades francesas.

Mas uma coisa era o que aqueles empregados intimidantes advertiam, e outra o que muitos de nós tínhamos na cabeça. De modo que alguns obedeceram e foram cumprir suas obrigações de cidadãos estrangeiros em território da *République Française*, ao passo que outros – eu entre eles – optaram por adentrar o novo país sem prestar contas a Deus nem ao diabo.

— Você não vem, menina?

O grito partiu de uma mulher que viajava com a mãe e dois filhos em busca de um marido que supostamente trabalhava em uns campos perto de Sidi Bel Abbès; não tinham notícias dele havia quase um ano. Durante a travessia, estávamos sentadas perto e ela me oferecera um pedaço de seu pedaço de pão; era a única coisa que eu tinha no estômago.

Não respondi nem sim nem não.

Somente agitei o braço em despedida e segui meu caminho.

Para cima e para baixo, por morros, escadas e ladeiras cujos nomes eu aprenderia mais adiante. Para cima e para baixo, para baixo e para cima, do porto e dos buliçosos bairros baixos às largas avenidas das zonas europeias; da Promenade de Létang, que quase tocava o mar, até a grande esplanada da Plaza de Armas. Sem rumo nem orientação, percorri ruas e bulevares e passei em frente a estátuas de homens ilustres e igrejas com campanários, diante de mesquitas e mercados de rua, imóveis elegantes onde vivia gente de bem e cortiços ruidosos onde se amontoavam pessoas com menos sorte. Por todos os lados vi ondular uma bandeira de três cores, *le drapeau bleu, blanc, rouge*, a bandeira azul, branca e vermelha que indicava a autoridade francesa sobre a Argélia havia quase cem anos.

Diante de uma barraca de peixe, eu me agachei depressa para pegar duas sardinhas que haviam escorregado e caído no chão. Tirei-as de uma poça e as apertei entre as mãos; quando o peixeiro gritou algo que não entendi, saí correndo. Duas esquinas adiante parei, sentei-me no degrau de uma casa fechada, arranquei as tripas dos peixes e os comi crus; deixei só os espinhos, comi até a cabeça. Depois, tentei roubar uns figos do carrinho de um árabe de túnica e capuz; pensei que ele não perceberia no meio do bulício de vendedores e compradores, mas ele me deu um tapa na mão antes que meus dedos conseguissem roçá-los.

Com as alpargatas do velho de San Antón, aquele que a coqueluche levava, arrastando minha sujeira e minha fome, percorri Orã inteira sem saber o que fazer nem aonde ir, sem falar com ninguém nem ter clareza da dimensão do desatino que era minha fuga. Até que, em algum momento de meu deambular frenético, quando minhas forças começavam a me abandonar e eu sentia a cabeça envolta em bruma, saltou-me à vista uma bandeira diferente, de duas cores só, vermelho e

amarelo, as mesmas que eu havia visto ondular no porto de Cartagena e que só reconheci por esse motivo, porque de bandeiras eu entendia pouco. Intuí que estava diante daquele lugar ao qual havia me recusado a ir ao descer do barco, para que ninguém pudesse cotejar a falsificação de minha identidade. Lá estava o Consulado da Espanha, onde talvez soubessem algo sobre Cecilio Belmonte, o morto de cujo nome eu havia me apropriado.

Já ia me afastar, assustada, quando ouvi uma voz familiar do alto de uma charrete, puxada por dois cavalos, parada à porta.

— Ei, menina! Finalmente você veio!

Era a mulher do barco, aquela dos dois filhos, da idosa e do marido que deixara de dar sinal de vida. Tornou a gritar:

— Entre para fazer sua documentação, ainda dá tempo!

Antes que eu pudesse reagir, o condutor da charrete, com a boina afundada na cabeça e voz seca, interveio:

— Vamos embora, mulher, deixe de cumprimentos e conversa mole.

— Espere um momento, homem de Deus! — protestou ela.

— Temos um bom trecho até Sidi Bel Abbès, não há nada que esperar aqui.

Entre as pessoas que estavam na charrete explodiram gritos contraditórios: uns incitavam o condutor para que partisse e outros lhe pediam que esperasse uns instantes para ver o que faziam comigo. Acho que lhes provoquei compaixão com minha aparência patética, meu cabelo desgrehado, minha fraqueza e meu desconcerto descomunal; e assim prosseguiram por um tempo, brigando entre si aos berros enquanto eu, no meio da rua, continuava aturdida e calada. Até que um jovem que ia em pé na parte de trás se inclinou e estendeu a mão para mim.

— Suba, morena, que ninguém vai segurar esse ignorante aí.

Ainda não sei por qual razão, peguei sua mão, subi na charrete e fui com eles.

CAPÍTULO 6

Fomos largando gente ao longo do caminho, em pequenos povoados, encruzilhadas e trilhas que levavam a fazendas. Eram homens, na maioria, mas de vez em quando também descia uma mulher, até mesmo uma família; iam ao encontro de alguém conhecido, ou em busca de um contrato meio apalavrado, ou talvez pretendessem simplesmente seguir o rastro nebuloso da incerteza. Pulavam para o chão e depois, do alto da carroça, nós jogávamos suas poucas posses, às vezes uma cesta, um rolo de mantas ou uma trouxa com roupas ou utensílios. Depois nos despedíamos:

— Vão com Deus.

Estranho era quem não ficasse com um véu de ansiedade no rosto, como se nos sentíssemos meio órfãos depois de abandonar aqueles companheiros de viagem molambentos com quem havíamos passado horas desde Orã dando solavancos na estrada; como se o amontoamento dentro da carroça e a terra seca da estrada houvesse tecido entre nós uma espécie de estranha irmandade.

Vão com Deus, repetíamos de tanto em tanto. Vão com Deus. Até que, com a charrete meio vazia e a noite fechada, chegamos a Sidi Bel Abbès. Atravessamos o povoado, grande e plano, totalmente adormecido. Os cascos dos cavalos repicavam nos paralelepípedos e a lua parecia se mexer acima de nós, sobre a carroça aberta. Já éramos poucos; em silêncio, sem forças para continuar falando, percorremos avenidas, coretos e praças com quartéis militares e armazéns, trechos com residências distintas com portões de ferro fundido e jardins entre as sombras e trechos com casas menos decorosas, com telhado de telhas de barro e paredes descascadas.

— Fora, todo mundo.

Assim o condutor nos avisou do final da viagem, em um espanhol áspero que pouco tinha a ver com o francês que diziam se falar por ali. Alguns dos viajantes tinham quem os esperasse, e outros sabiam bem aonde se dirigiam. Em questão de minutos, enquanto tirávamos as crianças adormecidas da carroça, ficamos só eu mesma, a família que me dera pão e a noite.

A mãe das crianças se chamava Encarna; Encarna Molina, de El Esparragal, lugar que eu não sabia onde ficava e do qual ela também não me deu explicações. Não era nem bonita nem feia, tinha olhos grandes e palavra rápida, vestia roupa puída, mas digna, e estava sempre atenta, como se ansiasse saber de tudo: os nomes, os lugares, o que era o quê, para quê, por que e como. Aparentava mais idade, mas ainda não havia chegado aos trinta.

— Andem, mulheres! *Allez, allez*, é pra hoje.

O sujeito nos apressava; com as crianças, a avó e os poucos pertences já no chão, Encarna e eu nos olhamos, perguntando-nos sem palavras o que fazer. Talvez porque estava acostumado a gente como nós, exaustas e perdidas, o condutor se adiantou:

— Se não têm aonde ir, podem ficar aqui e de manhã cedinho vão embora.

O condutor era arisco, mas o fato de andar de lá para cá com tantos infelizes talvez lhe despertasse um pouco de humanidade quando via pessoas no limite.

— Há água nos cântaros do fundo, e naquele caixote de madeira encontrarão umas maçãs para as crianças.

Acabamos deitadas no chão de terra dentro daquela espécie de armazém, acabadas, sujas, famintas, mas tranquilas por fim. As crianças caíram no poço dos sonhos primeiro, a idosa se persignou três vezes e murmurou suas orações antes de se deitar para dormir.

— Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a Virgem Maria e o Espírito Santo.

Assim encerrou a reza, e Encarna, em réplica, murmurou entre dentes algo que eu não entendi. Certamente a velha também não, por-

que em questão de segundos estava roncando. Antes de nós também cairmos rendidas, perguntei:

— E quando encontrar seu marido, o que a senhora vai fazer?

Ela despertou um pouco e girou o corpo para mim.

— Primeiro, pare de me chamar de senhora. E segundo, não sei se ele está vivo ou morto; é o que vim tentar descobrir. E quando eu souber, vou decidir se volto para minha cidade ou se fico.

— Mas, para isso, você não precisava trazer as crianças.

Nós as ouvíamos respirar forte, com seus ossinhos sobre o chão duro e a boca aberta; os remoinhos de pó da estrada deviam ter tampado os buracos do nariz delas.

— Nem sua mãe — acrescentei.

Enquanto falávamos em voz baixa, os roncos da mulher eram rítmicos, como se estivesse deitada sobre um bom colchão de lã.

— Essa cadela não é minha mãe; é minha sogra, mãe dele.

— E por que veio com você?

— Porque a nojenta se recusou a me emprestar dinheiro para a passagem e ficar com meus filhos se eu não a trouxesse. E você?

— Eu o quê?

— Por que você veio, tão nova e tão sozinha?

— Para trabalhar — respondi.

— De quê?

— Não sei ainda. Servindo, talvez.

Ela soltou uma gargalhada surda.

— Servir em uma casa? Você? E como os franceses tão finos daqui vão contratar você, alma inocente? A outra vez que meu Antonio voltou para casa, contou que eles comem com toalha de mesa de linho todos os dias, bebem vinho em taças entalhadas e para cada cama têm dois ou três jogos de lençóis.

— Talvez eu possa aprender...

— Não se iluda, criatura. E não me leve a mal, mas já olhou para você? Parece uma selvagem que acabou de sair de uma caverna. Nós somos gente humilde, mas você... Não sei nem dizer, menina. Onde você foi criada?

Eu podia ter falado de El Puntarrón, de nossas penúrias, minha mãe meio cega com as mãos descarnadas e meu pai sempre fraco cuspidando sangue entre acessos de tosse; podia ter descrito nosso barraco imundo, os caldos de água com sal e ervas como único alimento nos dias de inverno, as galinhas que foram morrendo e os irmãos que ainda pequenos foram enterrados porque nasceram com defeito ou pelas diarreias ou as febres, e um atrás do outro os corpinhos foram parar debaixo das pedras, à sombra da figueira. Talvez assim aquela mulher houvesse entendido por que eu era como era, pouco mais que um animal fraco e ignorante. Mas não lhe contei isso, porque outra coisa saiu de minha boca.

— Eu matei um homem. Ele se enfiou dentro de mim à força e eu cravei uma foice nas costas dele.

Ouvi o som de suas roupas se remexendo; Encarna estava se sentando.

— Vou te dar um conselho — disse entre dentes, em um tom sombrio. — Um conselho que você vai guardar bem guardado na moleira. — Ela se conteve uns instantes, como se estivesse escolhendo as palavras. — Nunca mais repita isso que você acabou de me dizer. — Entendeu a mão, cravou as unhas em meu ombro e me sacudiu com força. — Entendeu? — perguntou firme, sem me soltar. — Guarde isso para quando tiver que prestar contas a Deus ou ao diabo, mas engula e não repita jamais. A ninguém. E lembre-se bem do que eu digo: não volte mais ao lugar de onde veio. Nunca. Nunca.